



## A PROFISSÃO DOCENTE: O FALAR DE SI NOS RELATOS DE FORMAÇÃO

Michelle Santino Fialho  
*Universidade Estadual da Paraíba – UEPB*  
[michelle-fialho@hotmail.com](mailto:michelle-fialho@hotmail.com)

Leandro Guimarães Ribeiro  
*Universidade Estadual da Paraíba – UEPB*  
[leohistoriacg@gmail.com](mailto:leohistoriacg@gmail.com)

Alisson Wagner de Arruda Silva  
*Universidade Estadual da Paraíba*  
[alissonwagner@live.com](mailto:alissonwagner@live.com)

### RESUMO

O referido artigo tem por proposta apresentar reflexões centradas nas práticas pedagógicas e no tocante a formação docente, levando em consideração as experiências profissionais dos pesquisadores deste trabalho. Buscar-se-á estabelecer um diálogo entorno dos dilemas e possibilidades intrínsecos ao ensino, sustentado sob os relatos e experiências de formação docente, bem como a partir das pesquisas desenvolvidas pelos autores. Com base nesse pressuposto, evidencia-se uma discussão que permeia as subjetividades diante das situações de preparação de professores. Tal escolha oportuniza pensar a própria profissão docente, conduzindo reflexões que vão de encontro com a identidade pessoal e as significações construídas ao decorrer do percurso educacional. O objetivo se traduz na compreensão dos processos de formação a partir do reconhecimento das experiências de vida, debatendo questões acerca da educação contemporânea e os desafios imersos principalmente na sala de aula de História, lugar de fala dos pesquisadores. Para tal proposta, buscamos apoio metodológico em uma revisão bibliográfica e nos relatos de experiência escolar e profissional dos pesquisadores. Ao entrelaçar diferentes abordagens e perspectivas educacionais com as narrativas pessoais estaremos permitindo, com isso, lançar novos olhares ao processo de formação continuada bem como ao próprio currículo no contexto atual.

**PALAVRAS- CHAVES:** Relatos de vida; Percurso educacional; Formação docente.

### INTRODUÇÃO

A sociedade vive atualmente um constante e relevante processo de socialização fundamentado nas bases educacionais. Isto decorre principalmente, de uma preparação dos indivíduos por meio da educação, a qual constitui um fator imprescindível que perpassa na sociedade, tornando-se possível através do sujeito educador, apto a conduzir a uma capacidade de construção e desenvolvimento de princípios morais e éticos. Neste sentido, a atenção em relação à própria profissão docente e seu processo de formação constitui-se enquanto objetivo,



sem dúvida, de alta relevância na valorização das perspectivas das histórias de vida no sistema educacional.

É significativa, pois, a influência do fenômeno educacional expressa em nossa sociedade. A dinâmica, pois, estaria centrada em um desenvolvimento possível diante da ação pedagógica, conduzindo com isso para um caminho pautado na formação do social. Diante disto, a discussão sobre a formação docente vem adquirindo um lugar relevante na prática educativa, apontando um novo percurso didático para se pensar e praticar o ato educativo e afirmando-se, ainda, como um valioso instrumento para a aprendizagem humana e profissional.

A ênfase desta centralidade se constrói por meio de um conjunto complexo de análise da realidade presente no contexto escolar, principalmente quando associadas ao contexto de formação dos professores. É com tais elementos que se faz educação enquanto prática relacional que se supera e aponta para espaços mais amplos e por isso mesmo mais humanos.

Nesse íterim, sendo resultado de discussões e diálogos entre os autores, esse trabalho realiza-se na intenção de repensar o processo de formação docente, levando em consideração as experiências pessoais construídas em torno de dois vieses de pesquisa: as experiências construídas com a linguagem cinematográfica e alimentar pensadas na modalidade da Educação de Jovens e Adultos (EJA); as significações despertadas a partir das aproximações com a temática da Educação Inclusiva e, por fim, as experiências tecidas a partir da aproximação com indivíduos que escutam Rock/Metal de modo a perceber tal prática cotidiana como um fator identitário.

A ideia é levantar uma discussão que propicie o reconhecimento das experiências e dos relatos pessoais referentes à pesquisa acadêmica e ao processo de formação docente.

## **1. PENSANDO A FORMAÇÃO DOCENTE NA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA**

Educação é formação, estando assim ligada à autonomia, à liberdade, não apenas social, mas a liberdade do próprio ser. A realidade social aponta neste íterim como consequência desta dinâmica, haja vista o aumento da busca por uma identidade, pelo reconhecimento e aceitação de uma educação que se faz alento para a prática pedagógica. E sob esta perspectiva, torna-se possível observar a forma como a atuação docente se apresenta mediante o norteamento da ação educativa e de um currículo construído e pensado sob influências do processo de formação de professores.



Daí o seu caráter significativo, pois o acesso à aprendizagem traz poder e oportuniza dar voz às pessoas.

Há pulsação de vida. Por isso, pode-se dar razão a autora Rosa Maria Dias quando a imagem do filósofo alemão Nietzsche prenuncia o sentido da paixão. Tudo isso se constitui através do resgate do humano a partir de suas experiências vividas. A educação apresenta-se se conectando aos saberes dos docentes, ampliando os conhecimentos e contribuindo para que estes deem novos sentidos e valor às suas histórias pessoais. O conhecimento, apresentando-se como uma teia de significações, esta eminentemente pulsando, colocando-se diante do despertar da reflexão pessoal. Assim como Nietzsche, o corpo docente imerso na contemporaneidade aponta para a necessidade de um tipo de educação que não se afaste da vida.

O importante seria pensar no ato de educar como um criador de situações. Uma preocupação que se apresenta diante das várias inquietações que surgem ao decorrer da prática e formação docente. A posição ocupada pelo fazer docente postula que a educação deve ser pensada como um movimento reflexivo, constante, mutável e circular que se complementa de forma relacional na formação humana e a partir das subjetividades acionadas durante o processo de formação. A questão levantada por Macedo é a de que:

está em curso a construção de uma nova arquitetura de regulamentação e de que, nela, os sentidos hegemônicos para educação de qualidade estão relacionados à possibilidade de controle do que será ensinado e aprendido. Trata-se, portanto, de um discurso circular, no qual a medida da qualidade torna-se o seu esteio e a sua garantia. (MACEDO, 2014, p. 1549).

Dessa forma, haverá um estímulo voltado aos educadores para se pensar a educação contemporânea, mediante os múltiplos cenários apresentados por esse sistema, de modo a identificar a evidência da qualidade em sua própria dimensão e prática. Pelas considerações expostas, os relatos de vida podem ter forte influência no campo educacional, despertando discussões pertinentes no que tange a formação docente. Podemos dizer, portanto, que torna-se fundamental discutir este processo com vistas à uma formação continuada, que dará à profissão docente um lugar especial no âmbito educacional.

## **2. O FALAR DE SI NAS EXPERIÊNCIAS COM A LINGUAGEM CINEMATOGRAFICA, A CULTURA REGIONAL E A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**



É fundamental reconhecer a relevância da emergência dos estudos e pesquisas sobre o cinema e cultura regional no ensino de jovens e adultos, dentro do cenário acadêmico, o que possibilitou a efetivação de discussões bem como de escritas no espaço educacional. Tais discussões geram ainda reflexões que contribuem na adoção de uma perspectiva interdisciplinar trazendo, com isso, novas possibilidades para se pensar o trabalho docente.

A começar pelo cinema. Evidencia-se uma certa fragilidade das discussões inerentes à linguagem cinematográfica produzidas até então, lançando-a em uma uniformidade discursiva que se sustenta em abordagens consideravelmente restritas. Dessa forma, diante deste quadro, assumem-se então novas possibilidades que nos permitem lançar múltiplos olhares sobre a arte cinematográfica, pensando-a agora em um viés interdisciplinar.

O interesse pelos estudos alimentares se deu em meio à graduação em História na UEPB, a partir de um artigo entregue ao componente curricular História Contemporânea I. Foi solicitado da professora na época, a elaboração de uma narrativa que refletisse, através de uma temática escolhida ao nosso critério, o discurso presente na sociedade francesa do século XVIII. Meu objetivo em desenvolver uma pesquisa original, despertou-me a ideia de escrever sobre a gastronomia francesa em tempos de revolução. Essa experiência ganhou forma e se materializou no artigo intitulado: *“Cozinha francesa: o paladar gastronômico no século XVIII”*, trazendo-me uma nova visão acerca do que comemos.

Neste percurso da graduação, as leituras me desafiaram a responder novas perguntas. Agora, a ideia seria desenvolver o trabalho de conclusão de curso. A temática, contudo, desenvolvida no artigo da disciplina, não foi completamente levada para a escrita do TCC. Mas, o tema principal que iria dar voz a minha narrativa seria a ‘alimentação’.

Comecei, então, a pesquisar intensamente sobre o tema. Eis, então que veio a minha monografia: *“O cumê: a Paraíba sob sabores na construção de uma identidade cultural”* que tinha por objetivo realizar uma leitura acerca de como as práticas alimentares, analisadas no cenário colonial, contribuía na definição dos indivíduos enquanto portadores de uma identidade construída a partir das relações tecidas à mesa, bem como na formação de uma cultura alimentar.

Assim como os estudos sobre o cinema ganharam um relevante espaço no meio acadêmico, as escritas sobre a cultura alimentar em seus diversos contextos tem assumido papel de destaque nas pesquisas acadêmicas, demonstrando a relevância que a arte de comer e as práticas alimentares tem na historicidade humana, diante deste alcance amplo dentro das academias, adquirindo visibilidade enquanto um



campo de saber passível de ser tomado como fonte de conhecimento, a cultura alimentar, o alimento, propicia novos itinerários da pesquisa em educação em interface com os saberes históricos.

Ao situarmos o interesse acadêmico despertado pelo estudo do cinema interligado à alimentação, torna-se evidente o papel comunicativo que passa a ser assumido por ambos os campos enquanto um ato simbólico, código social e instrumento de comunicação. Para Bulcão Nascimento (2007, p. 30) o tema tem sido um dos mais estudados nas últimas décadas, por “ser uma maneira de se fazer história”. Como afirma a autora:

[...] a preparação dos alimentos e o ato de comer são atividades simbólicas cujos significados revelam aspectos das complexidades das sociedades. Uma vez que o estudo dos hábitos alimentares de um povo auxilia no processo de compreensão de uma determinada cultura, do ato de servir ao modo e jeito de comer, torna-se possível estudar pessoas e grupos sociais através do que eles comem e do que bebem. (NASCIMENTO, 2007, p. 30).

À essas duas aproximações soma-se uma terceira perspectiva que diz respeito ao ensino de História na Educação de Jovens e Adultos, constituindo-se neste caso enquanto um campo fértil para a inserção da abordagem do cinema e da comensalidade já expostas anteriormente. As especificidades de aprendizagens de jovens e adultos reproduzem, consideravelmente, a heterogeneidade presente na modalidade de ensino. Com isso, o desenvolvimento da ação educativa expressa através da atuação docente na EJA torna-se fundamental para que se possa apreender a disciplina histórica no ensino de jovens e adultos.

Aliada a essas inquietações, a minha experiência enquanto professora de História na modalidade de Educação de Jovens e Adultos motivou-me, imensuravelmente, a nutrir a pretensão de colocar em prática todas as discussões levantadas, construídas e pensadas desde então. Não poderia assim passar despercebida a vivência enquanto docente, muito menos ignorar a relação estabelecida com os meus alunos da EJA, para os quais a minha prática docente fazia sentido.

Fui instigada, portanto, a pensar a minha pesquisa como uma ponte de acesso àqueles que faziam parte da minha realidade. O anseio seria trazê-los para minha escrita. Torná-los parte essencial da minha narrativa. E, acima de tudo, enxergá-los enquanto sujeitos históricos. Sabendo que pouco tem escrito sobre as relações entre a alimentação e cinema no ensino de História, evidenciou-se tal pesquisa por elevar o caráter memorialístico, identitário e educativo, tanto da linguagem do cinema como dos hábitos alimentares, pensados em termos didáticos.



Por se tornar um objeto de pesquisa transformador, essa narrativa permitiu tecer reflexões acerca do currículo da educação básica bem como para a relação entre educadores e educandos no contexto da EJA. Movidos por esse intuito e sob este ponto de vista, apresentou-se uma abordagem inovadora na pesquisa histórica, de modo a delinear novas possibilidades ao ensino dentro da modalidade de Jovens e adultos, além de propiciar um novo modo de enxergar a prática docente.

### **3. O FALAR DE SI NAS EXPERIÊNCIAS COM A EDUCAÇÃO INCLUSIVA**

A reflexão sobre a Educação Inclusiva vem ganhando um espaço crescente em meio às discussões educacionais contemporâneas, não apenas no que se refere às práticas pedagógicas desenvolvidas na escola, mas de forma primordial na própria formação docente. Considerando que o ambiente escolar pode ser tomado como um espaço de diversidade, a mediação construída entre docentes e discentes e pensada sob o viés da inclusão, torna-se essencial para as ações em torno do ensino-aprendizagem. Neste caso, o papel assumido pelo ensino superior será, especificamente, levado em consideração na medida em que este oportuniza a criação de um ambiente propício para o desenvolvimento de práticas inclusivas entre a comunidade acadêmica, bem como na constituição e produção do conhecimento.

Pensando, pois, a respeito deste cenário somos levados a lançar olhares para os sujeitos e a realidade que os rodeiam, realidade esta construída com base na inclusão. Longe de terem todos os seus direitos respeitados, as pessoas deficientes vivem em nossa sociedade diante de obstáculos e barreiras a serem superados, de diversas magnitudes.

Perceber esta realidade em que vivem os deficientes é trazer para o campo educacional, maneiras de pensar nossa sensibilidade e valores e a empatia de se colocar no lugar do outro. Durante muito tempo estes sujeitos sociais foram ignorados, logo, torna-se importante ressaltar os direitos destas pessoas, principalmente no que diz respeito ao acesso à educação, estes são garantidos por lei, pois as instituições de ensino devem fornecer condições necessárias para acolher as pessoas com as variadas deficiências existentes, oferecendo-lhes atendimento especializado.

Alguns pontos podem ser considerados como motivação para a efetivação deste trabalho discutindo a educação inclusiva, e estes podem ser importantes para compreender o que será visto mais a frente. O primeiro deles considero o desejo por uma humanidade melhor na



educação e por meio da educação: priorizando o que sempre aprendi, que acima de tudo devemos ter respeito por todos. Tendo também a ideia de que esse desejo só pode ser realizado através da garantia do direito à educação para todos, pois:

O fato incontestável é que a afirmação do direito à educação, como um direito humano fundamental, estava associada ao reconhecimento das condições indispensáveis para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. (GENTILLI, 2009, p. 6)

Este assunto passou a nos despertar bastante interesse a partir do envolvimento com o aprendizado da LIBRAS<sup>1</sup> em virtude da participação no curso de extensão em Libras disponibilizado pela instituição através do Departamento de Educação e o consequente contato mais direto com pessoas surdas, ao tentar a cada dia aprimorar o conhecimento nos vimos deslumbrados por essa nova língua. Assim nos aproximamos das discussões a respeito da educação inclusiva, que traz o viés da educação especial.

Tal cenário nos trouxe a necessidade de responder novas questões que surgiram, não somente sobre a cultura surda, mas agora sobre a trajetória, dificuldades e conquistas das pessoas deficientes num contexto mais abrangente. Como consequência desta dinâmica há o aumento das discussões acerca da Educação Especial, o reconhecimento de um ambiente apto a atender as necessidades educacionais especiais e, principalmente a aceitação de um processo de escolarização que se faz alento para a compreensão da diferença humana.

Considerando a necessidade de ampliar os estudos e pesquisas no campo da Educação Inclusiva, especificamente, na perspectiva da educação especial, identificamos o presente trabalho e as reflexões aqui levantadas como essenciais para lidar com o quadro que envolve a educação especial nas instituições educacionais do Brasil e, de modo especial, tomando como referência o Estado da Paraíba a partir da UEPB. É, pois, levantando questões tão pertinentes como estas, que lançamos uma nova forma de se pensar a educação contemporânea, com vistas à inclusão de pessoas com necessidades especiais no espaço educacional.

#### **4. O FALAR DE SI NAS EXPERIÊNCIAS E VIVÊNCIAS COM A IDENTIDADE DO ROCK**

---

<sup>1</sup> Língua Brasileira de Sinais, reconhecida como meio legal de comunicação e expressão pela lei 10.436 é a língua utilizada pela maioria dos surdos brasileiros.



Antes de qualquer coisa, sabemos que a escolha do um determinado tema pelo autor sempre vem com uma carga de intencionalidades baseada em seu histórico de vida. Este trabalho não seria diferente dos demais, pois o autor faz parte dessa tribo urbana a qual se auto intitulam *headbangers*<sup>2</sup>. Falar de algo ao qual o sangue ferve mais, não é tão somente prazeroso como também dá uma sensação de que se está contribuindo para um maior conhecimento daquilo que muitas vezes é tratado – ou induzido - com bastante preconceito, ainda.

Também podemos falar que negar o Rock/Metal, antes de ser uma atitude tão conservadora, é também negar toda a sua influência no tempo. Estudar esta (contra) cultura é tentar compreender os movimentos da mentalidade durante os tempos, principalmente daqueles jovens que se propõe a viver de outra forma que não seja aquela imposta como padrão pela sociedade. Não é só entender porque um homem deixa seu cabelo crescer e porque usa roupas pretas. É entender esse mesmo jovem – geralmente jovens de 13 aos 80 anos – no seu tempo, as questões de identidade e de suas práticas cotidianas. É entender a resistência desses mesmos indivíduos perante não só as regras da sociedade, a da repressão policial devido ao visual e muitos outros pontos, como também as próprias regras vivenciadas dentro do âmbito familiar. É entender um conjunto de relações entre esses sujeitos que fazem com que se torne possível a construção de um local em comum para a realização de suas práticas.

É descobrir e entender métodos usados, tanto conscientes como inconscientemente, para burlar tais adversidades e assim poderem continuar fazendo aquilo que muitas vezes acaba se tornando o principal motivo para querer continuar vivos.

Entender esses tópicos acima é também entender, tanto a nível global, quanto a nível local o que seria a *contracultura*, mostrando assim o peso que ela exerceu sobre as artes, e principalmente sobre o Rock/Metal, sobretudo quando se fala em cultura *underground*<sup>3</sup>. Estudar essa contracultura nos possibilita, à grosso modo, estudar os inconformismos contra as regras vigentes, as incertezas de uma geração, os problemas e tristezas e até mesmo

---

<sup>2</sup> Em tradução livre seria o “Batedor de cabeça”. Também chamado de *metalhead* ou mesmo *metaleiro*. É uma denominação usada para designar aqueles indivíduos que fazem parte da subcultura do Heavy Metal e todas as suas vertentes. Essa denominação é usada devido ao movimento que os fãs fazem balançando a cabeça em forma de “marteladas” tanto praticadas em shows, como em qualquer ambiente em que estejam escutando Heavy Metal. Nota do autor.

<sup>3</sup> Em tradução livre significa “Subterrâneo”. Termo relacionado para designar um ambiente cultural que não está ligado a modismos e nem a padrões comerciais. Que é produzido e divulgado no subterrâneo, longe dos holofotes da grande mídia. Para nós estará ligado, na maioria das vezes, para nomear a produção de cultura underground em uma determinada localidade, especificamente na cidade de Campina Grande, Paraíba.





entender outras formas de alegrias e prazer que esses grupos constroem e vivenciam enquanto coletivo ou mesmo individualmente, sem que sejam “tragados” pelos padrões impostos às massas.

Mas a pesquisa não se resume somente a isso. Para que se entenda as práticas cotidianas e vários outros pontos não menos importantes será preciso analisar também o espaço e o contexto em que os indivíduos estão inseridos, pois a cidade está intimamente ligada a todos eles. É nela onde se localizam os espaços onde acontece todas as movimentações dessa subcultura e é através desses espaços que serão entendidos algumas práticas como também o próprio indivíduo. É na cidade, principalmente nos espaços undergrounds que os eventos geralmente são realizados, onde acontecem encontros e várias outras manifestações dessa cultura.

Por último, é notada a escassa produção de material sobre o assunto no meio acadêmico, principalmente quando se refere a cidade de Campina Grande, conseqüentemente ocasionando em pouco conhecimento, principalmente se tratando de algo que exerceu bastante influência em várias gerações através do tempo. Para compreender a importância de tal tema, basta perceber uma de suas várias características que é a sua essência contestatória, e que junto com a sua sonoridade “pesada” consegue arrastar multidões de pessoas não só a escutarem este tipo de música como também a tornarem isso um modo de ver o mundo, um estilo de vida.

Para que seja compreendido os pontos citados anteriormente, trouxe como referencial o cenário do Metal *underground* da cidade de Campina Grande/PB nos anos 1990, buscando indícios que mostrem como foi possível a sua construção e principalmente sua consolidação até os dias atuais.

O motivo de escolher o recorte temporal dos anos 1990 surgiu a partir de várias falas com alguns sujeitos participantes do cenário *underground* da época, os quais unanimemente afirmam que nessa década, Campina Grande já possuía uma cena underground fortemente solidificada, onde várias pessoas participavam ativamente, seja frequentando os eventos, seja tocando em bandas, ou mesmo escutando Metal em algum ponto da cidade, sendo no centro ou nos bairros.

Esse recorte vai até o ano de 1998, quando acontece uma certa "esfriada" na cena após o assassinato de um headbanger em um show, mas nada que tenha comprometido aquilo (o cenário) que já havia sido construído desde os anos 1980. Não entrarei nos detalhes desse assassinato, principalmente porque este não é o



objetivo desse trabalho. Espero manter o foco de buscar evidências (indícios) que nos mostram que a cena underground dos anos 1990 de campina grande foi tão forte que se projetou até os dias atuais como uma das mais conhecidas e respeitadas por outras cidades, não só da Paraíba como também de outros estados. Também gostaria de deixar bem claro que não queremos entrar em bairrismos aqui, nem queremos defender bandeiras de nenhum estado, apenas este interesse tem como campo de análise os limites dessa cidade, no interior paraibano, para a compreensão de algo que quase não encontrou barreiras, se estendendo assim por quase todo o planeta.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dessas reflexões acerca das experiências tecidas durante o processo de formação docente, percebemos a educação como um processo concebido de forma contínua, integrando socialmente aqueles que dela fazem parte, elevando-os e aperfeiçoando-os cada vez mais. Daí percebe-se a presença de inevitáveis valores simbólicos imersos na construção das histórias de vida dos professores a partir do universo educacional, É importante, antes de tudo, que o educador, enquanto um pensador reflexivo esteja consciente de seu papel educativo, direcionando olhares minuciosos para sua própria prática pedagógica bem como o seu percurso profissional.

Recria-se, a partir desse imaginário, o caminho a ser trilhado para o desenvolvimento da prática docente. É exatamente nesse sentido, que uma relação harmoniosa remete à um vínculo que manifesta-se numa construção contínua e transformadora e que influem nas relações educacionais. Criando e recriando novas formas de percepção sobre o conhecimento construído em consonância com suas próprias experiências. Trazer e refletir, pois, sobre os relatos de formação associando-a a nossa área de atuação tornou-se, eminentemente, relevante na medida em que insere mudanças na forma de pensar a educação básica brasileira.

Falar dos interesses de pesquisa em meio à nossa formação conduz-nos a um reconhecimento que se esvai na caracterização de um professor que se põe enquanto “agente da memória educativa” (KENSKI, 2005, p. 97). Como sustenta Nóvoa (1992-B):

Os momentos de balanço retrospectivos sobre os percursos pessoais e profissionais são momentos em que cada um produz a sua vida, o que no caso dos professores é também produzir a sua profissão. (NÓVOA, 1992-B, p. 65).



Deve-se levar em consideração, nisso, a importância que as narrativas docentes assumem neste cenário. As aproximações e os interesses de pesquisa (re) significada a partir do lugar de atuação profissional permitiram perceber aspectos que se mostram enquanto potenciais transformadores no trabalho do professor.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BITTENCOURT, C. M. F. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2004. p. 133-242.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da educação Nacional**. Lei n°. 9394 de 1996-  
Estabelece as Diretrizes da Educação Nacional. Brasília, 1996.

CAMPOY, L. C. **Trevas na Cidade** – o underground do metal extremo no Brasil. 2008. 270 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2008.

CUNHA, C. M. **Introdução- discutindo conceitos básicos**. In: MEC. Educação de Jovens e Adultos. Brasília: SEED, 1999.

FONSECA, T. N. de L. e. **História e ensino de História**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

FREIRE, P. **Educação como prática de Liberdade**. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do Oprimido**. 48. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GENTILLI, P. **O direito à educação e as dinâmicas de exclusão na América Latina**. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 30, n.109, p.1059-1079, set./dez. 2009. GIARD

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva & Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

KENSKI, V. M. O papel do professor na sociedade digital. In: CASTRO, A. D. de; CARVALHO, A. M. P. de. **Ensinar a Ensinar: Didática para a Escola Fundamental e Média**. (orgs.). São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

LIBÂNEO, J. C. **Uma escola para novos tempos**. In: **Organização e gestão da escola: teoria e prática**. Goiânia: MF Livros, 2008.

LUCKESI, C. C. **Tendências pedagógicas na prática escolar**. In: **Filosofia da Educação**. São Paulo: Cortez, 1992.

MACEDO. E. **Base Nacional Comum Curricular: novas formas de sociabilidade produzindo sentidos para a educação**. *Revista e-curriculum*, v. 12, n. 03, São Paulo, out/dez 2014, p. 1530- 1555.

NÓVOA, A. **Vidas de professores**. Porto: Porto Editora, 1992B.



**COPRECIS**  
CONGRESSO NACIONAL DE  
PRÁTICAS EDUCATIVAS

OMOTE, S. (Org.). **Inclusão: intenção e realidade**. Marília: Fundepe, 2004.

PEREIRA, C. A. M. **O que é contracultura**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.

PERRENOUD, P. **A prática reflexiva no ofício de professor: profissionalização e razão pedagógica**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002.

PIRES, C. M. C. et al (2008). **Por uma proposta curricular para o 2.º segmento na EJA**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/vol1e.pdf>. Acesso em 22 jun. 2016.